

Os Cartunistas Mineiros e o Aspecto Humorístico nas Charges

Eliane Meire Soares Raslan,¹

Ana Luiza Pereira Guimarães²

Resumo

Este artigo tem como proposta analisar o uso do humor nas charges dos mineiros Eduardo dos Reis Evangelista (Duke) e Edson Junior (Dum) publicadas no Estado de Minas Gerais, objetivando assim, compreender o efeito do humor provocado pelos autores em seus trabalhos ao retratar fatos cotidianos, bem como as conexões que os mesmos estabelecem com os leitores, por meio dos elementos visuais e textuais presentes nas temáticas abordadas por cada autor. Baseada no estudo de obras publicadas pelos chargistas e visitas à palestra e exposição de seus trabalhos, esta análise busca ainda, evidenciar a importância do caráter opinativo da charge e de sua ligação com o contexto em que foram criadas, visando assim, estimular novas propostas que abordem a produção de charges em Minas como objeto de estudo e ensino.

Palavras-chave: *Humor; Charge; Gênero; Estudos Históricos; Minas Gerais.*

Introdução

Conforme designa Civita (1985), o objetivo básico do desenho de humor é suscitar risos, embora alguns artistas busquem ir além, despertando uma consciência crítica, ora

1 Autora. Doutoranda em Comunicação Social da PUCRS. Professora, pesquisadora e orientadora na Universidade UEMG. Este estudo faz parte do Projeto de Pesquisa: “A Imagem das Histórias em Quadrinhos e suas repercussões no Brasil” e do Grupo de Pesquisa CID – Comunicação, imagem e discurso.

2 Co-autor. Estudante do curso de Design Gráfico da UEMG. Aluno voluntário do Projeto de Pesquisa: “A Imagem das Histórias em Quadrinhos e suas repercussões no Brasil” no centro de pesquisa do NIQ da UEMG. Este artigo foi apresentado no GT “Quadrinhos e Humor” do Seminário de Quadrinhos: Pesquisa, Educação e Mercado da UEMG no dia 15/06/2012.

relacionada ao poder político, ora relacionada à vida social ou cultural. Personagens como *Mafalda*, do argentino Quino, *Ferdinando*, do americano Al Capp, assim como a *Graúna* e os *Fradinhos*, do brasileiro Henfil são exemplos da diversidade de quadrinhos produzidos por quadrinistas de diferentes países encontrados na história brasileira.

A palavra *comic*³ vem da língua inglesa, utilizada para designar, além dos desenhos de humor, as histórias em quadrinhos, revelando a força que essa temática mais séria nos desenhos de humor tem no mundo dos meios de comunicação.

Destaca-se nos desenhos de humor características como simplificação e deformação intencional. O humor, de acordo com Santos (2011), é um campo no qual podem ser desempenhados diversos gêneros, como charge, comédia, crônica, narrativa e história em quadrinhos. Ele é visto inicialmente a partir de sua perspectiva informal, aquela que causa risos, entretanto pode ser suscetível de análise no ambiente escolar.

Textos humorísticos podem ser ricos em aspectos linguísticos, além de possibilitar a contextualização de fenômenos. A ambiguidade presente nos textos de charge e de humor estimula o raciocínio e exigem o conhecimento prévio do contexto em que está inserida para a compreensão do seu humor. Entender os elementos linguísticos presentes e suas variações são algo fundamental à interpretação.

0 humor nas charges mineiras com Duke e Dum

A linguagem, tanto a verbal quanto a não verbal, é uma ferramenta que permite aos indivíduos explicitar a visão de mundo. O fenômeno de comunicação que esta estabelece determina o gênero que irá representar.

As charges, segundo Abaurre e Abaurre (2007), são exemplos de gêneros discursivos por serem caracterizados pelo contexto em que são produzidos, pelo público que se destinam, por sua finalidade, pela estrutura, pelos temas abordados e por seu contexto de circulação.

Assim como as pinturas, as charges registram situações e expressam os sentimentos da sociedade em determinado contexto. Buscando Mumford (1980:12), o mesmo afirma que a arte, exceto nas suas formas mais triviais e imitativas, não é um substituto da vida nem uma fuga à ela, mas sim uma manifestação de impulsos e valores significantes que

³ Fonte: JAGUAR, Sigmund. *Antologia brasileira de humor*. 2 v. Porto Alegre: L & P M Editores, 1976.

não encontram outra forma de expressão. Não é necessário ser um adepto de Benedetto Croce para ver que toda arte é, fundamentalmente, expressão através de símbolos estéticos.

Percebe-se a banalização de diversas fontes de estudo que abordam temas atuais, por estas possuírem características de humor. Porém o uso deste já era defendido há décadas pelo filósofo Friedrich Nietzsche, inclusive, para falar coisas sérias: “*ridendo dicere severum*” (“rindo, dizer as coisas sérias”, do latim). Bremmer e Roodenburg (1997) asseguram que, para Nietzsche, o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldado pela cultura, o que favorece a sua constituição como elemento dinâmico e de produção de conhecimento.

No mundo contemporâneo, as charges estão presentes em diferentes meios de comunicação como jornais, revistas e livros dos próprios chargistas. Podem ser encontradas também em portais da web. Neste último, as ilustrações assumem o papel de signo que, segundo Santaella (2004), é responsável por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos e também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. Para Santaella (1996), “todo signo é, em maior ou menor medida, uma espécie de imagem especular: o signo não é apenas um corpo físico que habita a realidade, mas também é capaz de refletir essa realidade de que ele é parte e que está fora dele”.



Fig.01: Charge do cartunista Duke. Fonte: Jornal O Tempo, novembro de 2009. Fig.02: Charge do cartunista Dum. Fonte: Jornal Hoje em dia, janeiro de 2010.



Podemos notar nas charges dos mineiros Duke⁴ e Dum⁵ que o humor foi utilizado para refletir a percepção da sociedade e expressar seu sentimento no determinado contexto.

⁴ Eduardo dos Reis Evangelista (Duke) é mineiro, nascido em 1973, em Belo Horizonte. É formado em cinema de animação pela Escola de Belas Artes da UFMG. Assina as charges diárias dos jornais O Tempo e

A primeira charge retrata a instabilidade econômica vivenciada por muitos cidadãos em 2009, ano em que ocorreu a pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Já a segunda, mostra a precariedade do sistema público de saúde no país, demonstrando a fila a que são submetidas centenas de pessoas.

A análise do trabalho dos mineiros Duke e Dum, além da entrevista feita com os mesmos, revelaram a relevância que o humor em conjunto com as charges têm para retratar o contexto atual. Para Breemer e Roodenburg (2000:13) o humor pode ser definido como qualquer mensagem-expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas, cuja intenção é provocar o riso ou um sorriso. Breemer e Roodenburg (2000) buscaram alguns autores, como Sigmund Freud, que considera as manifestações humorísticas apenas um mecanismo de defesa em face de determinadas situações da vida moderna. William Davis Luján, jornalista, *gourmet* e escritor espanhol, sustenta a ideia que há maior facilidade na compreensão que na definição do humor. O humorista espanhol Wenceslao Fernández Flórez tentou defini-lo em 1936, como um estilo literário em que se aliam a graça com a ironia e a alegria com a tristeza, fazendo referências a um estilo e a um gênero literário que possuem exercício de criação concreto.

Existem diferentes formas de humor, algumas com maior facilidade de difusão. O humor das charges⁶, em geral, possui apenas compreensão em âmbito local, devido à dependência que estabelecem com o conhecimento de figuras públicas com características nacionais, de determinados modos de vida e de temas da atualidade como assuntos cotidianos, política, futebol, economia, ciência, relacionamentos, artes e consumo.

Super Notícia. Também é editor da página de jogos e diversão do suplemento infantil “Tempinho” e da página de quadrinhos, jogos e entretenimento “Supimpa”. Colabora com a Revista CNT, Transporte Atual, publicando cartuns. Em 2009, recebeu o troféu HQMIX como melhor cartunista brasileiro de 2008. É um dos organizadores do BH Humor, salão Internacional de humor Gráfico de Belo Horizonte. Fonte: Site oficial cartunista, chargista e ilustrador Duke. <<http://dukechargista.com.br/biografia/>> Acesso em: 23 fevereiro de 2012.

⁵ Edson Junior (Dum) é mineiro, nascido em Belo Horizonte. Ilustrador, cartunista, caricaturista, designer gráfico e publicitário, participa de salões de humor nacionais e internacionais sendo selecionado em vários com premiações e menções honrosas. Trabalha no Jornal Hoje Em Dia, onde é ilustrador e infografista. Ilustra várias editoras, livros didáticos, infantis, culturais e turísticos. É membro da Cartuminas (Associação dos Cartunistas de Minas Gerais). Em suas obras, observa-se a presença de elementos em comum, como a crítica social e a abordagem de temas atuais na sociedade mineira, por exemplo, o futebol. Fonte: Blog oficial do ilustrador, cartunista e chargista Dum. <<http://www.blogger.com/profile/15176693245899028912>> Acesso em: 23 fevereiro de 2012.

⁶ GÊ, Luiz. *Mocambúzios e sorumbáticos*: os anos 77-80 nas charges de Luiz Gê. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. LUJÁN, Néstor. *O humorismo*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. Ribeirão Preto. Museu da Imagem e do Som. *Salão Nacional de Humor e Quadrinhos de Ribeirão Preto*, 8, 1998. Ribeirão Preto: [s.n.], 1998.

No contexto político do Brasil, por exemplo, as charges e seu humor podem ser grandes influentes na sociedade em que estão inseridas, evidenciando a hipocrisia de certos argumentos e aproximando da realidade desses indivíduos. O brasileiro, segundo Machado (1976:5), sempre foi muito engraçado, mas nem sempre muito humorista. O humorista era o engraçado profissional, mas considerava-se antibrasileiro, alguém que é pago para fazer piada. Desde o império que a imprensa brasileira apresenta excelentes caricaturistas, chargistas e impiedosos “frasistas”, influenciados por portugueses e franceses. O bom humor do Brasil era feito somente por amadores.

Os historiadores, de acordo com Bremmer e Roodenburg (1997:11), apenas certificaram-se da importância do humor recentemente, considerando este uma chave para a compreensão de códigos culturais e percepções do passado, como pode se observar nas charges abaixo dos mineiros Duke e Dum.



Fig.03: Charge do Duke. Fonte: Jornal O Tempo, novembro de 2009. Fig.04: Charge do Dum. Fonte: Jornal Hoje em dia, fevereiro de 2010.

Na charge acima (fig.03), do mineiro Eduardo dos Reis Evangelista (Duke), percebe-se a insatisfação dos indivíduos com a medida tomada pelo governo no ano de 2009, refletindo a insatisfação popular no momento que foi feita. Nela a ironia é aliada à tristeza dos cidadãos, carência e falta de informação da maioria da população – em sua maioria carente, mas não inocente quanto as verdadeiras intenções políticas – a compreensão dessa charge não depende do conhecimento de figuras públicas com características nacionais, mas do contexto político e social.

O mineiro Edson Junior (Dum) revelou o fato que a população brasileira estava aterrorizada com a situação do país no ano de 2010, como é mostrado na figura 04. “O Mensalão do DEM” é personificado na figura do frequente fantasma que rodeia as constantes facetas do governo. Para sua compreensão eficaz, é necessário reconhecer figuras públicas brasileiras, além da circunstância que definiu seu tema.

A realidade vivenciada nas charges

Segundo Cavalcanti⁷ (1981), a charge possui efeito efêmero, direto e imediato, além de realçar o lado crítico do assunto. O chargista deve oferecer ao seu leitor um arsenal simbólico suficiente para a compreensão de sua charge e que o leve a reflexão quanto ao tema que, em pouco tempo, pode não ter mais graça conforme o seu desenrolar. O improviso sobre a notícia, a durabilidade dos assuntos escolhidos e a necessidade de ser cômico são fatores determinantes à qualidade das charges.

Segundo Silva (2008:39) os meios de comunicação influenciam na opinião dos cidadãos.



Fig.05: Charge do Duke. Fonte: Jornal Super Notícia, agosto de 2012. Fig.06: Charge do Dum. Fonte: <<http://dukechargista.com.br/biografia/>> Acesso em: 28 de junho de 2012.

Cada chargista, de acordo com Ferreira (2008:6), tem uma forma de tornar sua charge um texto efetivo na prática do Jornalismo de Opinião trabalhando de acordo com o

⁷ Lailson de Holanda Cavalcanti. Cartunista conhecido como Lailson. Naceu no dia 26 de dezembro na cidade de Recife em Pernambuco/Brasil. Iniciou aos 17 anos publicando charges no jornal The Pine cone em Arkansas/EUA. No ano de 1976 ficou em 1º lugar no Concurso de Desenho de Humor na Paraíba. 1º lugar no Salão Internacional de Humor de Piracicaba/SP em 1977. Publicou em jornais nacionais e internacionais, como: Pasquim, MAD (edição brasileira), Revista Visão, Veja 28 Graus, KYX93, Rei da Notícia, Flórida, Folhetim Humoral e etc.

tema abordado e o gesto de autoria. Além da co-ocorrência da multireferencialidade enunciativa com outras maneiras de enunciar, as esferas sociais e os papéis enunciativos assumido por cada um.

As características que tornam a charge um gênero discursivo são, segundo Abaurre e Abaurre (2007), o contexto em que é produzida, o público que se destinam, sua finalidade, estrutura, temas abordados e contexto de circulação. Para Silva (2008:42), a compreensão do texto chargístico depende da relação verbal e não-verbal, o que nos permite afirmar que a imagem e as palavras em uma charge se complementam e interagem para formar a significação.

Lopes (2004:120) afirma que está presente a ficcionalidade nas charges, em graus distintos, algumas com preponderância e outras onde ela somente auxilia a construção de uma produção discursiva. O tema abordado pode ser real, porém a situação e os personagens ficcionais.

Na charge de Edson Junior (Dum) na figura 06, ele retrata um acontecimento de caráter internacional realizado no Brasil em 2012, a RIO+20⁸. Sua significação verbal e não-verbal é formada a partir da ironia textual, que se confirma pela imagem que a acompanha. Não sendo possível ser realizado com as armas usadas na construção da cidade para Copa do Mundo. O tema abordado é real, porém a situação e os personagens ficcionais.

Em entrevista com o chargista Edson Junior (Dum), ele revelou que acredita na eficácia do uso da charge como objeto de estudo, devido à sua longa trajetória na história. “A charge é uma das ferramentas mais antigas na história da “Imprensa”. Conta grande parte do que aconteceu na política, economia, cultura, esporte, cotidiano do mundo.” Além disso, ele citou múltiplas funções que ela pode assumir, como seu uso em teses de mestrado, no curso de comunicação social, em concursos e vestibulares”.

⁸ A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. A Rio+20 foi assim conhecida porque marcou os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92) e contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. A proposta brasileira de sediar a Rio+20 foi aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, em sua 64ª Sessão, em 2009. O objetivo da Conferência foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes. Fonte: Site oficial do Rio+20 < http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20 > Acesso: 30 de agosto de 2012.

Assim como Edson Junior, Eduardo dos Reis Evangelista (Duke), também acredita com convicção nas múltiplas funções e usos da charge, confirmando existir diversas monografias, teses e estudos em relação à sua utilidade como objeto de estudo.

Os signos e a comunicação com Lúcia Santaella

Buscando Santaella (1996:60) podemos comparar as ideias da autora sobre os signos dentro das representações de significados das ilustrações nas charges, já que os signos são capazes de refletir a realidade que ele faz parte. Os signos são transmitidos para a sociedade por diversos veículos de comunicação.

Para Santaella (2004:134), diferentemente dos sintomas do século XIX, que marcavam o corpo, gradativamente esses sintomas foram crescendo até tomar o corpo ele mesmo como sintoma da cultura. O sintoma simboliza algo, enigmático, para quem o sofre e também, na análise, para quem o escuta. Oposto ao signo, o significante em si não tem sentido, porém no impasse incessante de significantes precisamente ligados (eixo metonímico), ele age, produz efeitos de significação (eixo metafórico), sempre retroativos. Assim, um significante só é significante para outros significantes, ou seja, é aquilo que representa o sujeito para outros significantes. Como significante, ele é da classe de um saber, o saber inconsciente, que sabe do sujeito sem ele o conhecer.

Tanto o leitor das charges de Duke e de Dum precisa ter um mínimo de bagagem sobre o assunto tratado em seus personagens, uma ideia sobre o assunto, caso contrário, não haverá sentido ou mesmo significado para este leitor. Podemos notar uma distorção proposital nos personagens de Duke (fig.01, 03 e 05), traço que busca deixar os personagens mais toscos, nos proporcionando sensações como a insatisfação dentro do contexto que ele trata. Nos permite sentir a dificuldade ou angústia vivenciada pelo personagem. É como se o personagem estivesse o tempo todo impressionado, ou mesmo abobado, apalermado com as diversas situações tratadas por Duke. Já os personagens de Dum buscam traços próximos do personagem tratado, seja ele um político, ou mesmo a própria sociedade. Suas charges nos aproximam mais dos personagens como algo real, por mais que o leitor esteja em um momento de busca do entretenimento para aquele momento de preocupação.

De acordo com Santaella (2004), a história da arte revela que o foco da atenção dos artistas sempre esteve, em diferentes intensidades, no corpo humano. Além de onipresente, no decorrer do século XX até os dias atuais, o corpo foi deixando de ser uma representação e simplesmente um conteúdo artístico, para se tornar principalmente uma questão e um problema explorado pela arte sob múltiplos aspectos e dimensões que evidenciam a dimensão da plasticidade e poliformismo que possui o corpo humano.

A visão do corpo como um sistema de interações e conexões foi gerada pelas margens instáveis entre o ego e o mundo, entre o real e o imaginário, entre o existente e o projetado. Utilizado como matéria do vivido, o corpo, com foco privilegiado, se fez presente na atividade constante da modificação e adaptação por meio da troca de informação com o ambiente circundante.

As charges de Duke e de Dum tem personagens que nos fazem associar alguma pessoa que esteja sendo visada no momento pela crítica da mídia. Criados para “chacotear” os desvios de conduta e de caráter em pessoas conhecidas pela população. Buscam o tempo todo “chacotear” essas personalidades que vivem no mundo da irregularidade para o mundo do humor político, econômico, social e cultural através das charges. Ambos os artistas brincam com os corpos dos seus personagens em suas diferentes intensidades. Projetam o vivido por nós nesses personagens. Nos permite buscar nosso conhecimento para refletir a situação através do humor.

A moda reflete o entrelaçamento indissolúvel das esferas do econômico, social, cultural, organizacional, técnico e estético. Santaella (2004) ainda afirma que ao mesmo tempo em que ela se compota como produto do capitalismo, a moda também funciona como índice, e até mesmo sintoma, de suas diferentes faces históricas. No momento em que a revolução industrial tornou possível a reprodução em série do mesmo produto, a moda foi ficando explícita, o que a torna filha direta da aceleração do capitalismo industrial. Era nela que a veemência da imaginação moderna encontrava seu refúgio. O olhar moderno aprendeu a desejar o corpo enfeitado das mercadorias que, sacralizadas pela publicidade, ficam expostas à cobiça por trás dos vidros reluzentes das vitrines.

Santaella (2004) afirma que a sociedade atual enfrenta uma crise em relação à “ideia do eu”, proliferando agora, no lugar do eu, novas imagens de subjetividade. Tais imagens assumem hoje múltiplas formas heteróclitas, descentradas, instáveis e subversivas. Em contradição, no momento em que essas imagens conduzem para o declinante conceito

do eu, as práticas regulatórias das instituições sociais persistem em governar os indivíduos de uma maneira que está, excessivamente, ligada às antigas características que o definem como um “eu”. Ao mesmo tempo em que discursos filosóficos e culturais proferem contradições e inadequações das definições estáveis e acabadas do eu, as mídias em geral trabalham ansiosamente pela preservação da “ideia do eu” que fundamenta as práticas regulatórias institucionais.

Nas mídias, são as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em harmonia com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem manchas. Conforme designa Santaella (2004:68), grande parte das variadas manifestações das artes nos anos 70 esteve voltada para a questão do corpo. O corpo vivo do artista tomado como suporte da arte, que teve início em Duchamp e continuou no *happening*, Fluxus e Acionismo dos anos 50 e 60, atingiu seu paroxismo na *body art* dos anos 70. Esta contou com a notável introdução de irreverentes mulheres artistas alimentadas pela força libertária dos discursos feministas da época. Esse foi também o período em que a resistência dos artistas à dissimulada servidão da arte ao mercado encontrou sua expressão nas instalações que, mesmo quando não tematizavam diretamente o corpo, estavam tratando dele, ao transformar o receptor contemplativo em um observador participativo.

Ao encontrarem nas fotos um meio para a documentação da brevidade que é própria das instalações, acabaram por estimular uma tendência que já havia iniciado no *happening* e Fluxus: dar à fotografia a função de documentação auxiliar, mas ao mesmo tempo complementar, e muitas vezes também artística, da própria instalação. No decorrer do século XX, estão sendo desenvolvidos aparatos através da propaganda e do marketing, com o objetivo de compreender e agir sobre as relações entre pessoas e produtos em relação às imagens do eu, ao seu mundo interior, ao seu estilo de vida e ao seu invólucro corporal. São, realmente, as exibições nas mídias e publicidade que possuem efeito significativo sobre as experiências do corpo.

Os cartunistas Duke e Dum nos permite buscar o grande numero de corrupção e falta de ética em aceleração com a industrialização. Ao mesmo tempo nos fazem criar outro olhar levando uma situação de angústia para o refúgio do humor através das charges. Notamos nas charges de Duke que os braços e pernas de seus personagens são bastante finos, os olhos esbugalhados e dentes para fora da boca. Boca essa que sempre longa e

acompanhando o restante dos traços, quantidade de movimento que é continua em seus personagens que tem esta característica linear. Brinca com nossa imaginação, nos permite buscar o real desconfigurado. Os personagens de Dum tem mais curvas, nos passa a impressão da sociedade real em um contexto jornalístico buscando criticas através das charges.

Podemos notar nos traços de ambos artistas a tentativa de tratar o corpo para que possamos para que possamos relacionar a outras pessoas, imagens e produtos de nosso estilo de vida nas mudanças e nas acomodações. O corpo está presente em todos os lugares, segundo Santaella (2004). Comentado, transfigurado, pesquisado, dissecado na filosofia, no pensamento feminista, nos estudos culturais, nas ciências naturais e sociais, nas artes, na literatura e nas charges. Nas mídias, ele é levado ao máximo.

Considerações Finais

A charge é basicamente gênero textual e um tipo de crônica humorística, com caráter crítico e uso do exagero para atingir o efeito desejado. Os chargistas Duke e Dum tratam o que ocorre no momento político, social e econômico do país. Tem caráter opinativo e critica um personagem ou fato específico do contexto em que foi feita, acionando o conhecimento de um conjunto de dados e acontecimentos contemporâneos ao momento particular em que se instaurou a relação discursiva entre seu produtor e seu receptor.

A palavra *humor* pode assumir significados distintos, mas o humor feito nas charges de Eduardo dos Reis Evangelista (Duke) e Edson Junior (Dum) se caracterizam por possuírem, em sua maioria, compreensão em âmbito local e nacional, devido à dependência que estabelecem com a compreensão de certos modos de vida, de figuras publicas com características nacionais e de temas contemporâneos como política, futebol, economia, ciência, relacionamentos, artes e consumo. Tal qualidade confere às charges a virtude de ser um meio para a compreensão de códigos culturais e percepção do passado.

As charges costumam ser veiculadas em suportes como jornais, revistas, livros e sites específicos, com a finalidade de retratar e satirizar, por meio de caricaturas, os acontecimentos atuais e os personagens envolvidos.

A etimologia da palavra *charge* já revela parte de suas propriedades, pois é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagero de traços do caráter de alguém ou de algo para torna-lo engraçado.

Muito utilizadas para retratar o futebol e criticar a política brasileira, as charges foram criadas por pessoas com o objetivo de expressar a oposição ao governo e realizar críticas políticas de maneira jamais apresentada. Foram reprimidas por governos e impérios por se tornarem populares, fato que acarretou na sua existência até os dias de hoje.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Produção de texto: interlocução e gêneros* – São Paulo: Moderna, 2007.

BREMMER, Jan, ROODENBURG, Herman. *A cultural history of humor*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CIVITA, Victor. *Desenho e Pintura*. São Paulo: Nova Cultural, 1985. Volume 4.

FERREIRA, Rosiane dos Santos. *Estudo Histórico-Enunciativo dos Pronomes “eu” e “você” em charges*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008. p. 6

Lailson de Holanda Cavalcanti. *O que vier eu traço: charges publicadas no diário de Pernambuco de 1977 a 80*. Recife: Comunicarte, 1981.

LOPES, Emília Mendes. *Contribuições ao Estudo do Conceito de Ficcionalidade e de suas Configurações Discursivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras – UFMG, 2004.

MACHADO FILHO, Aires da Mata; MONTEIRO, Barros; SUCUPIRA FILHO, Eduardo. *Novíssimo dicionário ilustrado Urupes*. 23 ed. São Paulo: Age, p.5, 1976.

MUMFORD, Lewis. *Arte & técnica*. São Paulo: Martins Fontes, p.12, 1980.

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, p.60, 1996.

SANTOS, Ângela Marina Bravin dos Santos (Org.). *Variação Linguística, Sintaxe e Sentido em Textos Humorísticos*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Rosilene Alves da. *Charges: do discurso “político” eleitoral ao discurso político da opinião pública*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, p. 39-49, 2008.